

# IV SIMPÓSIO PEHCM UFABC

04 A 05 DE NOVEMBRO DE 2022



Reaprender e reinventar: ensino e história das ciências e da matemática em tempos de pandemia

## **Currículo como produto historicamente produzido: uma breve análise histórica da educação no Brasil**

**Paola Leal Nosella** – Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino e História das Ciências e da Matemática (PEHCM) da Universidade Federal do ABC  
[paola.nosella@ufabc.edu.br](mailto:paola.nosella@ufabc.edu.br)

**Adriana Pugliese** – Docente no Programa de Pós-graduação em Ensino e História das Ciências e da Matemática (PEHCM) da Universidade Federal do ABC  
[adriana.pugliese@ufabc.edu.br](mailto:adriana.pugliese@ufabc.edu.br)

**Patrícia da Silva Sessa** – Docente no Programa de Pós-graduação em Ensino e História das Ciências e da Matemática (PEHCM) da Universidade Federal do ABC  
[patricia.sessa@ufabc.edu.br](mailto:patricia.sessa@ufabc.edu.br)

**Linha de pesquisa:** Ensino e Aprendizagem em Ciências e Matemática (EA)

### **RESUMO**

Partindo da concepção que o currículo é, sobretudo, um produto histórico, sua compreensão, assim como das metas e métodos estabelecidos para os projetos de nação conjugados com os projetos educacionais, está condicionada à concepção dialética de educação. Desse modo, desvelar as sínteses e conjunções contraditórias que formularam o currículo ao longo da história brasileira, demanda um breve esforço de análise do processo que culminou com os pioneiros da educação na década de 1930, com a confecção do manifesto dos pioneiros e os rebatimentos para o currículo. Tais recortes contribuem para compreendermos as imbricações da particularidade entre a política brasileira e a educação.

**Palavras-chave:** concepção dialética de educação; currículo; educação no Brasil.

### **INTRODUÇÃO**

O currículo é um dos objetos fundamentais para compreender a educação brasileira na atualidade, e precisa ser compreendido como um produto histórico. Os procedimentos, objetivos e métodos estão inseridos nos resultados, em que a sociedade almeja, assim como

# IV SIMPÓSIO PEHCM UFABC

04 A 05 DE NOVEMBRO DE 2022



Reaprender e reinventar: ensino e história das ciências e da matemática em tempos de pandemia

também são condicionados pelo mesmo momento histórico. Ou seja, os conhecimentos a serem transmitidos, os recortes necessários em cada disciplina, parte dos interesses de qual sujeito a sociedade busca constituir.

Para conceber esta perspectiva de currículo, parte-se da capacidade de uma sociedade em sintetizar seus movimentos de debates sobre a educação em um objeto que seja referência para as futuras ações. Isso demandará propor e influir nas políticas educacionais das propostas de currículos.

No bojo da história, acompanha-se a necessidade de compreender o que constitui a base do currículo. Considera-se, aqui, o conhecimento do/a educador/a, os conteúdos, metodologias e cultura, devendo ainda, considerar elementos presentes nos “currículos ocultos”.

Nesse interim, é pertinente focar os detalhes e apreensões ao material constituído historicamente, de uma realidade concreta. Apesar da brevidade do texto, busca-se elaborar a problematização do currículo.

## **CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO: FERRAMENTAS E CONCEPÇÕES NECESSÁRIAS PARA O DEBATE DA POLÍTICA E DO CURRÍCULO**

Ao iniciar a crítica da educação burguesa, Gadotti (2001) indaga se é possível a dialética inspirar uma concepção de educação e de pedagogia, o intuito é possibilitar não uma definição e conceituação, mas um esforço do surgimento da concepção e compreendê-la pela via do conflito, da contradição.

As preocupações de autores como Gadotti (2001) e Ponce (2001) era de estabelecer os nexos da educação com a luta política, daí na perspectiva da dialética, pensá-la em sua totalidade. Assim, não apenas estabelecer marcos de onde começa e definir o debate, mas suas mediações entre os complexos da política, economia e social. Ao longo de décadas as lutas por educação estiveram no bojo da luta por direitos.

Ponce (2001) apresentou o imbricamento da educação como um fenômeno social vinculado à superestrutura, compreendida pelo desenvolvimento socioeconômico. Todavia, não se pode apenas atrelá-la à esfera econômica, de maneira a relegar toda e qualquer determinante de transformação a ela. Dessa maneira, se estaria reduzindo o debate ao economicismo e deixando de lado a capacidade de autonomia e ligação da dialética em seu desenvolvimento

# IV SIMPÓSIO PEHCM UFABC

04 A 05 DE NOVEMBRO DE 2022



Reaprender e reinventar: ensino e história das ciências e da matemática em tempos de pandemia

social. Como nos afirmou Lukács (2003), os complexos (como a política, ideologia, economia) são criados pelos seres sociais e em seu longo caminho de desenvolvimento podem entrar em contradição uns com os outros, ou determinando o momento histórico para a mudança.

Na construção da escola e seus currículos são evidentes as mudanças a partir destas contradições. Por exemplo, a correlação de forças entre a burguesia ascendente em conflito com a Igreja, a qual se incumbira da educação no período feudal, formaram a escola laica, ainda que com certas reservas. É necessário entender as forças que movem a história em suas contradições, para isso a concepção dialética sobre a educação se faz necessária.

Em termos conceituais, assumimos que por meio dos efeitos da luta de classes “a educação é o processo mediante o qual as classes dominantes preparam na mentalidade e na conduta das crianças as condições fundamentais da sua própria existência” (PONCE, 2001, p. 169). A necessária disputa ideológica se faz também no ambiente da educação, uma vez que também é um campo da luta de classes. A classe hegemônica busca, pela educação, impor seu projeto ideológico e social.

Alienar as necessidades de educação de uma classe à outra, faz refletir em conceitos que possibilitem uma melhor compreensão desse processo de subjugar, subsumir os sujeitos da sociedade por uma classe. É tornar as necessidades de uma classe (particular) para o restante da sociedade (universalizar). Assim, a educação está condicionada à realidade e à estrutura da política de classe, a qual se insere e (re)produz.

Tal relação também é apontada por Pacheco (2009), ao problematizar a submissão do currículo nacional às necessidades tecnicistas impostas pela globalização. A alteração política e econômica provocada pela globalização molda a criação e priorização do currículo comum no Brasil, impondo uma concepção mais pragmática e voltada à profissionalização técnica.

Em debate, Lukács (2003) aponta que com a organização da sociedade pela hegemonia burguesa surge a consciência de classe, liberta das limitações e travagens da estamental, de modo a fazer a luta política e tornar-se consciente para si. Dessa maneira, o salto qualitativo na consciência permite que se tenha um projeto a efetuar: “Agora a luta social se reflete numa luta ideológica pela consciência, pelo desvelamento ou dissimulação do caráter de classe da sociedade” (LUKÁCS, 2003, p. 156). É com a concepção dessa dialética que se norteia a perspectiva de compreender a educação dialética com seus desdobramentos à análise das teorias do currículo.

# IV SIMPÓSIO PEHCM UFABC

04 A 05 DE NOVEMBRO DE 2022



Reaprender e reinventar: ensino e história das ciências e da matemática em tempos de pandemia

Como afirmaram Moreira e Silva (2001), as questões relativas ao “como” do currículo e adequação à qualidade de técnicas e métodos são importantes procedimentos, contudo, elas só adquirem sentido dentro de uma perspectiva que considerem o “por quê”. As formas de organização são importantes em seu momento determinante socio-histórico. É nessa moldura que o currículo é penetrado pela história e forjado como um artefato social e cultural. Daí a importância de se apresentar dois contextos brasileiros que particularizam a discussão do *curriculum* nesta concepção.

O primeiro se refere à década de 1930, como o início da modernização brasileira, e este um termo muito caro ao período com suas iniciativas e trocas de hegemonias. Outro momento, os anos pós-golpe da ditadura civil militar de 1964. É perceptível o quanto as determinantes históricas pintaram com as tintas da política os quadros de modernização do currículo brasileiro.

Segundo Coutinho (2011), o Brasil é o país das revoluções passivas. Este atributo categorial lhe é auferido, pois, em sua objetivação, do capitalismo, à brasileira (particularidade) foi forjado com a consolidação da aliança da elite agrária em crise (econômica e política) com a ascendente burguesia industrial. Esse processo, já muito bem conhecido com as Vias de desenvolvimento do capitalismo, apresentados por Lenin, no Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia.

A nascente constituição de uma sociedade civil, feita por partidos, sindicatos e organizações, de maneira a modernizar a estrutura societal brasileira, a partir da busca das camadas médias por formas de organização nos partidos e fora deles para a defesa de seus direitos e ideias (COUTINHO, 2011). A sociedade civil brasileira, anteriormente “gelatinosa” e pouco organizada, passa a modernização via a organização de instituições e uma sociedade complexificada.

Nesse período é caracterizada por uma ordenação de organizações da sociedade civil. Para efeitos da renovação da educação fora organizado em 1924 a Associação Brasileira de Educação (ABE), cuja tratativa era de reformar o sistema educacional brasileiro. Este já hegemonizado pela Igreja, anteriormente à república.

As reformas realizadas no processo de institucionalização do currículo evidenciaram a reorganização da sociedade. Moreira (2006) afirma a possibilidade de tornar cada disciplina para os fins e objetivos da sociedade, ao contrário de estabelecer os fins em si. Assim, a reforma

# IV SIMPÓSIO PEHCM UFABC

04 A 05 DE NOVEMBRO DE 2022



Reaprender e reinventar: ensino e história das ciências e da matemática em tempos de pandemia

realizada por Anísio Teixeira, na Bahia, se constitui como exemplo de modelo para o escolanovismo e seus currículos. O currículo seria a ponte entre a escola e a sociedade.

Assim, a reforma visou:

[...] a atenção para a importância de se organizar o currículo escolar em harmonia com os interesses, as necessidades e os estágios de desenvolvimento das crianças baianas. O currículo, no entanto, foi ainda centrado em disciplinas, mas de acordo com a realidade e as possibilidades do estado. (MOREIRA, 2006, p. 88).

Nesse momento, parte dos liberais, visando a educação laica, fortalece na constituição, a educação como atribuição do Estado. Camadas médias visavam o ensino gratuito médio, e as populares o ensino primário. A busca da ação do Estado nesse sentido permitiu ao currículo a concepção de ensino público e sua laicidade.

Isso posto, o controle político é destituído das ideologias religiosas, sendo estas muito monopolizadoras do ensino desde então, e também de acordo com os ideais liberais. Os programas elaborados pelos pioneiros, anterior a 1930, trouxeram o rompimento e a disputa pela educação que visava a formação dos/as educandos/as com ênfase na natureza social do processo escolar, como também de estabelecer a racionalidade do método e das técnicas, assemelhadas com as ordenações da indústria moderna que se instalara (MOREIRA, 2006).

Para o currículo eram dadas ênfases nas metodologias de ensino. As influências teóricas dos pioneiros vinculavam-se às ideias progressistas de John Dewey e Kilpatrick, e nos autores europeus: Claparède, Decroly e Montessori, o que caracterizava a entrada de teóricos focados na interação da escola com a sociedade, e de viés Liberal, estes abertos pela receptividade que o momento histórico proporcionou à reforma da educação.

Todo este processo viceja o solo fértil que virá com o golpe de Vargas, que possibilita a construção da carta e manifesto dos pioneiros, em 1932, e os rebatimentos da Constituição Federal de 1934. Todavia, essas alterações são constituídas no momento do golpe de 1930.

Semeada nesse período de transformação ou modernização, vindos com o processo de industrialização, surge a necessidade de alfabetizar a população brasileira. O caráter elitista do ensino e do currículo abre espaço para um amplo debate sobre a educação atingir as camadas do proletariado, que necessitaria de uma maior qualificação. Cria, também, um maior poder de massas, aumentando a hegemonia da burguesia ascendente, ao disseminar sua visão de mundo

# IV SIMPÓSIO PEHCM UFABC

04 A 05 DE NOVEMBRO DE 2022



Reaprender e reinventar: ensino e história das ciências e da matemática em tempos de pandemia

e poder sob as massas trabalhadoras urbanas, revertendo, assim, a então carcomida hegemonia das oligarquias agrárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender as concepções e perspectivas que moldaram os currículos, a partir dos aspectos históricos e dialéticos da educação brasileira, discutimos, mesmo que brevemente, alguns dos momentos da política e como esta influenciava a esfera da educação, e a relação com a economia.

Para tanto, cada determinante conduz uma relação diferente aos complexos: político (a troca da vanguarda da oligarquia para a burguesia), econômico (a instauração do processo industrial e a criação da mais-valia em território nacional; não mais na circulação pela venda de produtos agrícolas) e ideológico (os pressupostos do liberalismo). Tais contextos evidenciam o quadro em que se movimentaram as forças sociais no Brasil e se desenharam os currículos nas escolas brasileiras.

## REFERÊNCIAS

COUTINHO, C. N. Cultura e sociedade no Brasil: ensaio sobre ideias e formas. 4 ed. São Paulo; Expressão Popular, 2011.

GADOTTI, M. Concepção dialética da educação: um estudo introdutório. 12. Ed ver.-São Paulo: Cortez, 2001.

LUKÁCS, G. História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2003.

MOREIRA, A.; SILVA, T. T. (org). Currículos, cultura e sociedade. 5. Ed. São Paulo, Cortez, 2001.

MOREIRA, A. Currículos e programas no Brasil. Campinas/SP: Papirus, 2006.

PACHECO, J. A. CURRÍCULO: ENTRE TEORIAS E MÉTODOS. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 137, p.383-400, maio/ago, 2009.

PONCE, A. Educação e lutas de classes. 19 ed.- São Paulo: Cortez, 2001.